

5

VOLTAR A LER

ANTÓNIO SÉRGIO

Literatura e crítica literária

António Manuel Ferreira, Carlos Morais,
João Príncipe, Maria Fernanda Brasete, Rosa Lúcia Coimbra (Eds.)



universidade de aveiro



teoria.poesis.praxis

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

António Sérgio: Literatura e crítica literária

DIRETOR DA COLEÇÃO

António Manuel Ferreira

EDITORES

António Manuel Ferreira, Carlos Morais,
João Príncipe, Maria Fernanda Brasete, Rosa Lídia Coimbra

COLEÇÃO

5 | Voltar a Ler

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Susana Vasconcelos

ARRANJO GRÁFICO DA CAPA E PAGINAÇÃO

Carlos Gonçalves

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS

Positive Fantasy – Comunicação Visual, Lda

EDIÇÃO

UA Editora – Universidade de Aveiro
Campus Universitário de Santiago
3810-193 Aveiro – Portugal

1ª EDIÇÃO

Dezembro de 2021

TIRAGEM

300 Exemplares

DEPÓSITO LEGAL

492542/21

ISBN

978-972-789-719-3

DOI

<https://doi.org/10.48528/z3m-4747>

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

ESTA PUBLICAÇÃO É FINANCIADA POR FUNDOS NACIONAIS,
ATRAVÉS DA FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA (FCT), NO
ÂMBITO DO PROJETO UIDB/04188/2020

AGRUPAMENTO DE
ESCOLAS
152444 **ANTÓNIO SÉRGIO**
VILA NOVA DE GAIA

 universidade
de aveiro

dlc
departamento de línguas e culturas

cllc
centro de línguas, literaturas e culturas

5

VOLTAR A LER

ANTÓNIO SÉRGIO

Literatura e crítica literária

António Manuel Ferreira, Carlos Morais,
João Príncipe, Maria Fernanda Brasete, Rosa Lídia Coimbra (Eds.)

UNIVERSIDADE DE AVEIRO

2021



António Sérgio

Índice

- 7 **Nota de abertura**
Carlos Morais
- 9 **António Sérgio crítico e divulgador literário**
A. Campos Matos
- 17 **Jornada Sexta: da ideação sergiana em torno da crítica literária**
João Miguel Gonçalves
- 27 **Metaforizando a língua. Mesclagens conceptuais no texto “Em torno do problema da ‘língua brasileira’” de António Sérgio**
Rosa Lúcia Coimbra
- 43 **As *Rimas* de António Sérgio como poesia filosófica**
João Príncipe
- 73 **Su alcune riscritture in chiave politica del mito di Antigone nel Novecento**
Maria Pia Pattoni
- 99 **Antígona no Portugal do século XX: retorno a um paradigma**
Maria de Fátima Silva
- 111 **Antígona, um *alter ego* de António Sérgio na luta contra as ditaduras**
Carlos Morais
- 133 **I tormenti di un traduttore. Appunti su *Antígona* di António Sérgio**
Corrado Cuccoro
- 145 **António Sérgio: um programa de leituras visando a formação de leitores literários**
José António Gomes
- 155 **Para uma leitura dos *Contos Gregos*, de António Sérgio**
Maria Fernanda Brasete

-
- 173 **Ambivalências de discursos: uma análise simbólica ao conto “História da Baleia” de António Sérgio**
Elza Mesquita & Ana Pereira
- 181 **Em torno do conto “As duas bonecas”: António Sérgio e a literatura infantil**
João Príncipe
- 211 **Em torno do filme “As duas bonecas”, baseado num conto infantil de António Sérgio**
Eduardo Sérgio



António Sérgio

Ambivalências de discursos: uma análise simbólica ao conto “História da Baleia” de António Sérgio

Elza Mesquita & Ana Pereira

Centro de Investigação em Educação Básica (CIEB)

Instituto Politécnico de Bragança

Introdução

António Sérgio deixou-nos algumas obras de interesse temático que trespassaram os portais de um “infinito” temporal com origens na tradição oral. Das narrativas recolhidas pelo autor focamos a nossa reflexão na “História da Baleia”, pelo facto de nos termos envolvido na sua adaptação e ilustração. Trata-se de um conto tradicional recolhido por António Sérgio e compilado no livro com o título *Na Terra e no Mar* (1978).

Neste texto refletimos sobre o simbolismo em torno do herói – personagem que através da coragem e vontade de fazer prevalecer a justiça e a verdade enfrenta um inimigo, procurando resolver toda uma série de conflitos – os bons são os vitoriosos. Esta vitória, neste conto, é conquistada por um marinheiro que é “arguto, astuto e resoluto”, sobre si próprio, sobre a maldade, sobre a adversidade e sobre um grande oponente (baleia).

1. O que nos dizem as palavras... o que nos contam as imagens...

Somos conscientes de que os álbuns ilustrados nos conduzem por caminhos, muitas vezes, marginais, desequilibrados da leitura cómoda, linear e previsível, mas que nos prendem à história, obrigando-nos a colocar questões ou exclamações do género: *Mas o que faz esta “coisa” aqui? O que quererá isto dizer? Isto é lindo!... faz-me lembrar!...*

Creemos que as possibilidades de uma fruição mais gratificante da obra literária para a infância resultam, cada vez mais, das descobertas que possamos fazer quanto ao entendimento semiótico do texto e de todos os outros elementos do livro.

O livro “História da Baleia”¹, por exemplo, é um objeto que se tateia e que, pelo tato, se percebe a sua forma e as suas dimensões que, eventualmente, cheiramos, escutamos e que começamos a ler desde fora... somos, então, apanhadas por uma baleia afadigada que vagueia pelo infinito e qualquer informação sobre as razões de tal fadiga terão que ser encontradas entrando na história.

Quisemos nós que esta baleia parecesse ter vivido muitas aventuras. Aventuras essas que ocorreram para lá da contracapa e que atravessaram o espaço anterior do livro, que dobraram a lombada até à capa. Aí descobrimos outro personagem (um salmonete vermelhete). Não se observa nenhuma relação de empatia entre ambos. No entanto, parecem determinados a seguir para dentro das páginas do livro e... a história começa: “Há muito, muito, muito tempo...”. Baleia e salmonete vermelhete mergulham e perdem-se na profundidade do azul das páginas agitadas de anterrosto, preparando-se para passar para o outro lado da página. Surge então a história, ou seja, a partir daqui é contada pelo texto e pela imagem, sempre numa relação simbiótica e de cumplicidade. Nós sabemos que, muitas vezes, neste género de literatura, a interpretação da imagem é esquecida. Sabemos que os elementos visuais podem ser perfeitamente ignorados, marginalizados ou simplesmente não analisados. Como se percebe, a malha de texto com que se inicia recorre a características do conto pelo facto de incoar a ação pela expressão “Há muito, muito tempo...” que não está longe do ‘era uma vez...’ – marcas que nos transportam para um tempo e um espaço mágico, evidenciando que se trata não do agora... Mas antes de um tempo que existe no imaginário infantil.

O texto verbal e a ilustração colaboram para estabelecer o significado da história, de tal maneira que, para contá-la, temos de recorrer tanto ao que dizem as palavras como ao que dizem as imagens.

A alga mergulhada no azul-marinho simboliza uma vida sem limites. A mancha de cor nestas imagens deixa antever outras imagens. Aqui quisemos transmitir a sensação de harmonia, calma, alegria, bem-estar, onde tudo faz sentido e onde a felicidade é completa. “Neste mar vivia...” – à partida o imaginário da criança entra logo em associações simbólicas, com este mar povoado de seres. A indefinição do tempo também provoca uma transmissão da mensagem por etapas, lentamente é preciso

¹ Narrativa adaptada do conto “História da baleia” de António Sérgio pelas autoras deste texto.

ler várias palavras, várias frases, às vezes várias páginas para obter um sentido, o que é uma extraordinária experiência e enriquecimento humano.

Consideramos que a nível de conteúdo, o conto “História da Baleia” integra elementos e personagens que simbolizam o bom senso e a inteligência: “Por fim, só havia no mar um salmonete vermelhete, que nadava sempre atrás da orelha direita da baleia, para ela não lhe fazer mal”. Apresenta à criança uma realidade desconhecida e, de certa forma, ajuda-a a desvendá-la, revelando e mostrando o caminho mais seguro a seguir, dando-lhe a conhecer as dificuldades e formas de as ultrapassar, possibilitando ainda ao leitor refletir sobre experiências de vida.

O conto desenvolve-se em função de uma figura central - uma baleia muito comilona:

[...] vivia no mar a baleia, que comia peixes. Ainda ela, nesse tempo, podia comer peixes. Comia sardinhas e tainhas, gorazes e roazes, bugios e safios, pescadas e douradas, bacalhaus e carapaus. Todos os peixes que ia encontrando deitava-lhes a boca, e ão! [...]

Um dia, a baleia pôs-se a pensar muito séria, e disse assim: - Tenho **FOME!** [...]

Atentando nesta última expressão significará, por exemplo, a mesma coisa lermos a palavra FOME desta forma ou em letra normal? Como se percebe... a própria força expressiva da escrita remete para um grito de desespero.

De facto, as relações entre texto e imagem deverão processar-se, para que o resultado possa ser estimulante, provocador de novas leituras, cumprindo funções estéticas, mas também informativas. As imagens desafiam-nos a jogar os seus significados num palco mais alargado de possibilidades de interpretação. E, muitas vezes, pensamos na imagem como elemento complexificador. A ilustração, ao invés de simplificar, atua como um potenciómetro amplificador de ambiguidades, capaz de gerar novas questões e descobertas.

Algumas das convenções da escrita foram suprimidas, problematizando a leitura e a própria manipulação do livro. Procuramos que tudo se conjugasse, sendo pensado artisticamente até aos mais íntimos detalhes: o jogo com a diagramação, o formato, a atmosfera quase mágica que cada página goteja, a tensão do argumento e a combinação de palavras, imagens, sons e repetições. Assim, o valor da palavra ou da ilustração é um crescendo, à medida que a criança leitor avança pelo mundo onírico e regressa ao plano da realidade.

A narrativa convida ainda o leitor a mergulhar numa aventura aprazível e a descobrir o tesouro mais bem guardado do oceano: a inteligência!

O marinheiro (que era arguto, astuto, e resoluto) mal se viu dentro da baleia, na despensa escura e quentinha, pulou, saltou, rebolou, cambaleou, espinoteou, dançou, sapa-teou, fandagueou, esperneou, gritou, berrou, cantou, estrondeou tanto, tanto, tanto, que a baleia se sentiu com enjoos, engulhos e soluços.

Possui, ainda, um caráter moral que pretendemos revelar, embora conscientes de que não contém explicações evidentes para a criança, na medida em que, esta, através do que lê ou ouve, pode inferir mensagens que a leitura lhe proporciona. A variada fauna do mar é apresentada de uma forma muito divertida. Outro aspeto relevante é a expectativa que pressupõe um final feliz:

– O melhor é levá-lo para casa – aconselhou o salmonete vermelhete. – Eu já tinha prevenido a senhora baleia de que o marinheiro era arguto, astuto e resoluto.

A luta, a vitória, a derrota e a punição, sugerem justiça, insinuando a esperança de um futuro promissor:

E, deixando a grade bem presa na garganta da baleia, saltou para terra e foi-se embora muito contente. A baleia foi-se embora também muito contente, assim como o salmonete vermelhete.

As repetições (“arguto, astuto, e resoluto”) e o encadeado de ações são frequentes, permitindo antever e até ajudar a reproduzir ao leitor os acontecimentos seguintes:

[...] um marinheiro náufrago de calças de ganga azul, uma faca de ponta aguda, e suspensórios encarnados (não se esqueçam dos suspensórios!).

[...] engoliu a jangada e o marinheiro, com as calças de ganga azul, com a faca de ponta aguda e com os suspensórios encarnados (nunca se esqueçam dos suspensórios!).

[...] (já se esqueceram dos suspensórios?).

[...] durante a viagem puxado da sua faca de ponta aguda, e cortado as tábuas da jangada em fasquiazinhas muito estreitas, que ligou muito bem com tiras dos suspensórios (bem lhes dizia eu que não se esquecessem dos suspensórios!) e fez com elas uma grade [...].

Na história original o marinheiro encontra o amor da sua vida e casa-se. Aspeto este que foi omitido na adaptação que fizemos, por considerarmos que o facto do marinheiro se ter salvado da barriga da Baleia, por si só, já é um final feliz.

2. Análise simbólica: heróis e derrotados

Um trabalho de análise simbólica é para nós um risco fascinante. Isto, pela complexidade que tanto a linguagem verbal como a linguagem visual assumem na sua leitura. Estas, ou quaisquer outras linguagens, são constituídas por “unidades autónomas, segmentos, que diferem claramente entre si”, podendo agregar-se a muitas outras formas. “Tal como o texto escrito, as imagens têm uma morfologia e uma sintaxe própria” necessitando de um conhecimento para poderem ser utilizadas de forma hábil (Coquet, 2002, p. 180). O leitor é confrontado por um complexo sistema de códigos que necessita de descodificar. É fascinante a leitura que se poderá fazer a um conto, porque a linguagem literária é plurissignificativa, ou seja, os signos linguísticos são portadores de múltiplos significados.

Armindo Mesquita (2002) refere que “a literatura infantil tem uma finalidade primária e fundamental que é a de promover, na criança, o gosto pela beleza da palavra, o deleite perante a criação de mundos de ficção” (p. 43). Para além disto, este autor centra-se na funcionalidade da palavra, uma vez que, arreigando-a para o seu mundo mágico, a criança, entende-a, usa-a, goza-a e desfruta-a no contexto do seu imaginário (Mesquita, 2002). Assim, a literatura infantil é singularizada pela natureza do seu leitor: a criança.

A análise que apresentamos sobre o conto “História da Baleia”, de António Sérgio, foi concebida a partir da interpretação de algumas ilustrações e do texto, numa confluência e confronto entre ambas. Isto, pelo facto de corroborarmos as palavras de Coquet (2002) quando refere que “texto e imagem são duas linguagens muito diferentes e completamente autónomas. No entanto, a dimensão das palavras, do texto que acompanha uma imagem [...] tem uma importância fulcral na leitura e descodificação dessa imagem, pois eles (texto e imagem) se alimentam um ao outro” (p. 179).

O conto “História da baleia” apresenta a descrição de um processo iniciático, envolvendo heróis (salmonete vermelhete e marinheiro) e derrotados (baleia). O local onde se confrontam é um espaço muito sugestivo (mar) que podemos associar à dinâmica da vida, um lugar de nascimentos, transformações e renascimentos. Para além do mar estar associado à simbologia da vida, também simboliza um estado transitório entre as possibilidades de uma realidade informal e formal. Discorreremos daqui que essa mesma realidade pode terminar bem ou mal (Chevalier, & Gheerbrant, 1994).

Vejamos a análise simbólica da baleia. O seu simbolismo está ligado ao mesmo tempo ao da entrada da caverna e ao de peixe. No mito de Jonas (mito da imortalidade), a própria baleia é a arca: a entrada de Jonas na baleia é a entrada no período da obscuridade, intermediário entre dois estados ou duas modalidades de existência.

Jonas no ventre da baleia é a morte iniciática (Chevalier, & Gheerbrant, 1994). A saída de Jonas é a ressurreição, o novo nascimento. Podemos comparar aqui a história de Jonas com a entrada do marinheiro na barriga da baleia. Em sentido figurado, “ser engolido” pode significar uma viagem ao interior de si próprio, uma regressão. Jonas quando fica a sós, no ventre da baleia, reflete e tenta perceber com clareza o dilema no qual está envolvido. O herói é engolido, passando “por toda uma série de provações e revelações de uma jornada de terror no mar noturno, enquanto aprende a lidar com esse poder sombrio, para finalmente emergir, rumo a uma nova vida” (Campbell, 1991, p. 161). A passagem pelo ventre de um monstro é, neste caso, considerado como uma descida aos infernos. O monstro destrói o homem velho para que renasça o homem novo: “O mundo que ele guarda e ao qual introduz não é o mundo exterior dos tesouros fabulosos, mas o mundo interior do espírito, ao qual só se acede por uma transformação interior” (Chevalier, & Gheerbrant, 1994, p. 455).

No romance de Carlo Collodi “As Aventuras de Pinóquio” também Gepeto foi engolido por um tubarão. Neste romance o Pinóquio surge dentro do tubarão para salvar Gepeto, dizendo-lhe para o seguir e não ter medo. Neste clássico da literatura infanto-juvenil o Pinóquio, boneco de pau irreverente e desobediente, depois de ter escapado do tubarão, não voltou mais a ser o mesmo, acabando por ser transformado pela fada numa bela e alegre criança (Collodi, 2018). Esta transformação resultou da coragem e da forte convicção, “que já pressupõe uma autoconfiança sinal já de transformação, denotada pelo próprio Pinóquio que salva-se tanto a si como ao seu pai de serem digeridos no ventre do Tubarão Átila, ou seja, de escaparem da sua barriga, que era uma autêntica prisão (Araújo, & Araújo, 2010, p. 61).

O tema remete-nos para outras histórias, nomeadamente “O capuchinho Vermelho”. Neste conto o lobo levou a menina a desobedecer às regras circunscritas e determinadas pela sua mãe. Ele é o mais forte e, por tal, come a avozinha e a Capuchinho Vermelho. De acordo com Bettelheim (2011) a Capuchinho Vermelho “embora virtuosa, tem tentações” (p. 265). Trata-se de uma personagem que, em forma simbólica, “projeta a criança nos perigos dos seus conflitos edipianos durante a puberdade e depois salva-a deles, de forma a que possa amadurecer livre de conflitos” (Bettelheim, 2011, p. 264).

Das leituras dos contos emergem verdades e não verdades, realidades e não realidades, construídas e identificadas em muitas categorias e modalidades narrativas. As narrativas são “modelos para volver a describir el mundo” (Ricoeur, cit. por Bruner, 2010, p. 19). O conto maravilhoso ao narrar acontecimentos impossíveis de se concretizar na realidade, não provoca qualquer inquietude no leitor. Neste sentido, o universo do maravilhoso pode ser considerado alquímico, subvertendo os convencionalismos

do mundo real. No entanto, estas narrativas que contam acontecimentos totalmente improváveis contemplam um sentido secreto que pode ser desvendado através da análise dos símbolos e, tal como alerta Bruner (2010), “releemos el mismo relato de maneras siempre cambiantes: *litera, moralis, allegoria, anagogia*”, sendo que “el relato no va a ninguna parte y va a todas partes” (p. 19). De facto a presença de mitos e símbolos arquetípicos verifica-se no coletivo e no inconsciente pessoal, inserindo-se estes na literatura de tradição oral, com algumas ocorrências nos contos populares, nas lendas e outros textos que o povo guarda na memória (provérbios, orações, cantilenas, adivinhas, etc.). Na realidade não se trata apenas de formular uma pergunta morfológica sobre o texto real, “sino además una pregunta sobre los procesos interpretativos que son liberados por el texto en la mente del lector” (Bruner, 2010, p. 19). Bastos (1999) considera que geralmente as narrativas de tradição oral permitem colocar o ouvinte perante um mundo que não é o da realidade comum, mas que fornece ensinamentos para poder lidar com situações do seu quotidiano.

Araújo e Araújo (2010) salientam que todo o ser humano deseja conhecer certas situações de perigo, enfrentar provas únicas e aventurar-se no outro mundo e que ele “experimenta tudo isso ao nível da sua vida imaginária, escutando ou lendo contos de fadas, ou – ao nível da sua existência onírica –, sonhando” (Araújo, & Araújo, 2010, p. 55).

Na História da Baleia o marinheiro decidido a regressar do ventre do monstro PULOU, CAMBALEOU, SALTOU... Depois de muitos enjoos, engulhos e soluços a baleia decidiu deixar sair o marinheiro cá para fora... O peixe (neste caso a baleia), enquanto símbolo das águas, é associado ao nascimento ou à restauração cíclica. Ele é ao mesmo tempo salvador e instrumento de revelação, mas também símbolo de fecundidade e de sabedoria.

Considerações finais

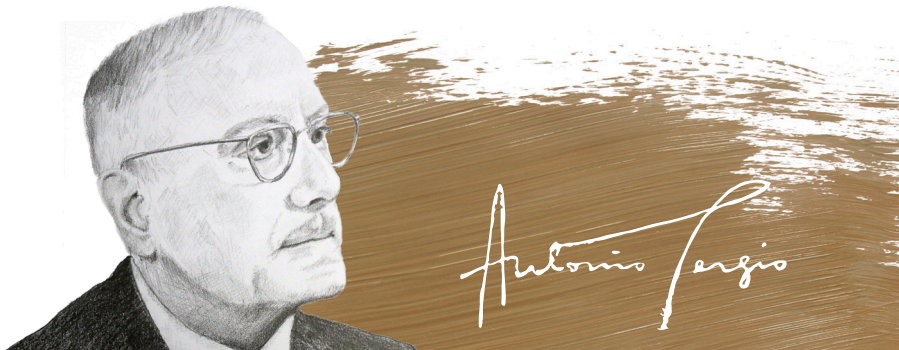
António Sérgio sendo um dos pensadores mais marcantes de Portugal contemporâneo, com uma vasta obra em vários domínios, deixou-nos algumas recolhas de contos tradicionais. No universo de textos e obras recolhidas pelo autor, a “História da Baleia” foi adaptada por nós pelo facto nos ter deslumbrado no momento da sua leitura e por sentirmos que é necessário não deixar que a subtileza e os ritmos dos sons das palavras, deste conto, fiquem esquecidas em páginas de livros amarelecidos pelo tempo. O conto dá-nos a conhecer a importância dos recursos marinhos. No entanto, se analisarmos o seu conteúdo em termos simbólicos percebemos que podemos encontrar elementos e acontecimentos que se repetem em outras narrativas. Tanto

nesta como noutras o herói simboliza o bom senso e a inteligência. A luta estabelecida com as forças da natureza pode significar ritos de iniciação, a passagem à idade adulta.

Esta narrativa, explorada de modo adequado, constitui-se como um instrumento de extrema importância na construção do conhecimento da criança, fazendo com que ela desperte para o mundo da leitura, não só como um ato de aprendizagem, mas também como uma atividade prazerosa. Através da leitura de narrativas deste género, a criança apropria-se de culturas e saberes historicamente acumulados pelo homem, adquirindo informações que a ajudarão na construção da sua identidade. Contudo, é importante não esquecer o papel do mediador na exploração das narrativas de tradição oral, pois é da sua responsabilidade proporcionar à criança oportunidades de reflexão em torno das palavras e dos significados para que contribuam de forma significativa para o seu desenvolvimento intelectual a todos os níveis.

Referências bibliográficas

- Araújo, A. F., & Araújo, J. M. (2010). Iniciação e imaginário educacional n'As aventuras de Pinóquio. In *Actas do Colóquio Internacional Educação, Cultura e Imaginário – recontextualização e tradição* (pp. 53-68). Braga: Centro de Investigação em Educação. Disponível a 01 de janeiro de 2020 em <http://hdl.handle.net/1822/18380>.
- Bastos, G. (1999). *Literatura infantil e juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bettelheim, B. (2011). *Psicanálise dos contos de fadas*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Bruner, J. (2010). *Realidad mental y mundos posibles. Los actos de la imaginación que dan sentido a la experiencia*. Barcelona: Editorial Gedisa, S.A.
- Campbell, J. (1991). *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena.
- Chevalier, J., & Gheerbrant, A. (1994). *Dicionário dos símbolos. Mitos, sonhos, costumes, formas, figuras, cores, números*. Lisboa: Teorema.
- Collodi, C. (2018). *As aventuras de Pinóquio*. Porto: Porto Editora.
- Coquet, E. (2002). A ilustração tridimensional (as imagens que querem fugir dos livros). In F. L. Viana, M. Martins, & E. Coquet (Coords.), *Leitura, literatura infantil, ilustração. Investigação e prática docente* (pp. 175-182). Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho.
- Mesquita, A. (2002). A comédia humana dos animais. In A. Mesquita, & A. Parafita (Coords.), *Pedagogias do imaginário. Olhares sobre a literatura infantil* (pp. 68-77). Porto: Edições Asa.
- Mesquita, E., & Pereira, A. (2009). *História da baleia*. Cascais: Vogais & Companhia. ISBN: 978-989-668-002-2. (Integra o Plano Nacional de Leitura desde 2009, Projeto Aler*) <https://bit.ly/2DEKntv>.



Ao revisitarem António Sérgio cinquenta anos depois da sua morte, os autores deste quinto volume da série “Voltar a ler” oferecem-nos uma visão do escritor enquanto crítico e criador.

A. Campos Matos

Ana Pereira

Carlos Morais

Corrado Cuccoro

Eduardo Sérgio

Elza Mesquita

José António Gomes

João Miguel Gonçalves

João Príncipe

Maria de Fátima Silva

Maria Fernanda Brasete

Maria Pia Pattoni

Rosa Lúdia Coimbra

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

ESTA PUBLICAÇÃO É FINANCIADA POR FUNDOS NACIONAIS
ATRAVÉS DA FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA I.P., NO
ÂMBITO DO PROJETO UIDB/04188/2020

AGRUPAMENTO DE
ESCOLAS
152444 **ANTÓNIO SÉRGIO**
VILA NOVA DE GAIA

 universidade
de aveiro

dlc
departamento de línguas e culturas

cllc
centro de línguas, literaturas e culturas